

**REDEFINIÇÕES DA ESTRUTURA(ÇÃO)  
URBANA E DA CIDADE MÉDIA  
DE CARUARU/PE**



**Anthony de Padua Azevedo Almeida**  

Mestre em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de  
Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente  
Contato: anthonypaalmeida@gmail.com

## Resumo

A cidade média de Caruaru/PE vem passando por modificações que alteraram sua composição socioespacial interna e sua interação espacial na escala da rede urbana. Tais processos ganham importância quando se observa o conjunto das cidades médias no âmbito das redes urbanas enquanto intermediadoras entre cidades maiores e menores. Caruaru desempenha função de centro distribuidor de bens e serviços desde suas origens e as mudanças recentes ocorrem pela ação de agentes econômicos e engendra consequente redefinição da estrutura(ção) espacial. Este artigo se propõe a compreendê-la como cidade média em sua dinâmica contemporânea, além de identificar áreas de transformação, advindas deste processo, de 1990 a 2016. A compreensão desta dinâmica espacial se dá pela ideia de que as atividades econômicas terciárias promovem transformações e redefinições na estrutura(ção) do espaço urbano. Para tal, o trabalho está estruturado em três partes: fundamentação teórico-conceitual e discussão das perspectivas analíticas e dimensões empíricas do objeto de estudo; exposição e análise dos aspectos socioeconômicos da cidade, embasada nos materiais quantitativos; e discussão dos resultados dos trabalhos de campo e das entrevistas, por meio de materiais qualitativos, acerca das significativas transformações socioespaciais e de como estas mudanças têm engendrado novas estruturas urbana e da cidade.

**Palavras-chave:** Estruturação Urbana. Estruturação da Cidade. Cidades Médias. Caruaru/PE.

## REDEFINITION OF URBAN STRUCTURE(S) AND OF THE MEDIUM-SIZED CITY OF CARUARU/PE

### Abstract

The medium-sized city of Caruaru/PE has been undergoing changes which have altered its internal socio-spatial composition and its spatial interaction at urban network level. These processes are gaining in importance when one observes medium-sized cities as a whole in the context of urban networks as mediators between bigger and smaller cities. Caruaru plays a role as a goods and services distribution centre since its beginnings, and such recent changes occur through the actions of economic agents and engender a consequential redefinition of the spatial structuring. Therefore, this article proposes to understand it as a medium-sized city in its contemporary dynamic as well as to identify some processing areas deriving from these processes from 1990 to 2016. Understanding this spatial dynamic is due to the idea that the tertiary economic activities organizations can promote transformations and redefinitions in the structure(s) of urban space. To do so, the work is structured in three parts: theoretical and conceptual basis and discussion of the analytical perspectives and the empirical dimensions of the object of study; display and analysis of the socio-economic aspects of the city based on quantitative materials; and the results of fieldwork and interviews by means of qualitative materials on significant socio-spatial transformations and of how these changes have engendered new urban and city structures.

**Keywords:** Urban Structuring. City Structuring. Medium-sized Cities. Caruaru/PE.

## REDEFINICIONES DE LA ESTRUCTURA(CIÓN) URBANA Y DE LA CIUDAD INTERMEDIA DE CARUARU/PE

### Resumen

La ciudad intermedia de Caruaru/PE viene experimentando cambios que modificaron su composición socioespacial interna y su interacción espacial en la escala de la red urbana. Estos procesos han ido cobrando importancia cuando se observa el conjunto de ciudades intermedias en el contexto de las redes urbanas como intermediarias entre ciudades más grandes y más pequeñas. Caruaru ha jugado un papel como centro de distribución de bienes y servicios desde sus orígenes, y estos cambios recientes ocurren por la acción de los agentes económicos y engendran una consecuente redefinición de la estructura espacial. Por tanto, este artículo propone entenderla como una ciudad intermedia en su dinámica contemporánea, además de identificar algunas áreas de transformación derivadas de estos procesos, desde 1990 hasta 2016. La comprensión de esta dinámica espacial viene dada por la idea de que las actividades económicas terciarias son capaces de promover transformaciones y redefiniciones en la estructura (ción) del espacio urbano. Para ello, el trabajo se estructura en tres partes: fundamentación teórico-conceptual y discusión de las perspectivas analíticas y dimensiones empíricas del objeto de estudio; exposición y análisis de los aspectos socioeconómicos de la ciudad, con base en materiales cuantitativos; y discusión de los resultados del trabajo de campo y entrevistas, a través de materiales cualitativos,

---

sobre las transformaciones socioespaciales significativas y cómo estos cambios han engendrado nuevas estructuras urbanas y de la ciudad.

**Palabras clave:** Estructuración Urbana. Estructuración de la Ciudad. Ciudades Intermedias. Caruaru/PE.

## INTRODUÇÃO

As cidades médias vêm passando por transformações que alteraram sua importância no âmbito das redes urbanas enquanto intermediadoras entre cidades maiores e menores. No caso de Caruaru/PE, que desempenha uma função de centro de distribuição de bens e serviços desde suas origens, a partir da sua feira, estas mudanças recentes ocorrem a por meio da ação de agentes econômicos e engendra uma consequente redefinição da estruturação espacial.

Neste contexto, este artigo analisa a dinâmica de cidade média de Caruaru através do entendimento dos processos de estruturação urbana e estruturação da cidade. A proposta do trabalho é compreendê-la como cidade média em sua dinâmica contemporânea, além de identificar algumas áreas de transformação, advindas destes processos, de 1990 a 2016. A compreensão desta dinâmica espacial se dá pela ideia de que as atividades econômicas terciárias são capazes de promover transformações e redefinições na estrutura(ção) do espaço urbano.

Isto posto, a análise parte da leitura das novas (e sua relação com as antigas) formas espaciais comerciais e de como estas engendram mudanças nas estruturações urbana e da cidade. Desta forma, selecionou-se para a observação as principais áreas de comércio e serviços na cidade, o que direcionou a investigação para: a) o centro tradicional; b) a feira e c) as recentes grandes superfícies comerciais, quais sejam, os supermercados, hipermercados e atacarejos, os shopping centers e as grandes superfícies comerciais especializadas em vestuário.

A partir disso, desenvolveu-se um trabalho de pesquisa quantitativa e qualitativa, com dados primários e secundários, em que se evidenciaram as mudanças em aspectos socioeconômicos da cidade de Caruaru, bem como se colocou em tela o processo de complexificação da estruturação urbana e da cidade. Dentre os procedimentos metodológicos quantitativos, foram usados na análise alguns dados estatísticos secundários, a saber: os valores do produto interno bruto (PIB) dos municípios pernambucanos; as mudanças na participação desses municípios no PIB, num contexto estadual; uma série histórica da evolução do PIB em Caruaru; dados do valor adicionado bruto (VAB) do setor terciário da economia, para os municípios do estado; a composição do VAB em Caruaru, por setor da economia; números de empregados no mercado formal, por atividade econômica, em Caruaru; dados sobre a população economicamente ativa (PEA), a população ocupada (POC) e a evolução histórica do

quantitativo de empregados no mercado formal, em Caruaru e dados sobre o número de unidades produtivas no setor de confecções na Mesorregião do Agreste Pernambucano.

Quanto aos procedimentos qualitativos primários, foram realizados trabalhos de campo para observação direta; visita às grandes superfícies comerciais estudadas; entrevista com os agentes bem-informados, representantes dos empreendimentos analisados, com base em roteiro semiestruturado e produção cartográfica. Para aprofundar algumas informações, também foram utilizados procedimentos qualitativos secundários, por meio da coleta de documentos nos empreendimentos e entidades de classe e ainda a pesquisa de notícias de jornais.

Este artigo construiu-se através de aprofundamentos de pesquisa realizada no mestrado em Geografia. Seus resultados são oriundos de parte da discussão desenvolvida no capítulo 2 da dissertação. O texto está estruturado em três partes, além desta introdução e da conclusão.

A primeira parte apresenta a fundamentação teórico-conceitual do trabalho e discute as perspectivas analíticas e as dimensões empíricas do objeto de estudo. A segunda parte volta-se à exposição e análise dos aspectos socioeconômicos de Caruaru e está embasada nos materiais quantitativos. A terceira parte, por sua vez, trata da discussão e dos resultados dos trabalhos de campo e das entrevistas, e demonstra, por meio dos materiais qualitativos, como a cidade de Caruaru passou por significativas transformações nos últimos trinta anos e como estas mudanças têm engendrado novas estruturas urbana e da cidade.

## **GRANDES SUPERFÍCIES COMERCIAIS, ESTRUTURA(ÇÃO) URBANA E DA CIDADE**

A cidade de Caruaru tem experimentado, nos últimos anos, maior complexidade em sua estruturação em função de investimentos de capitais de grandes grupos econômicos, interessados em seus papéis de intermediação na rede urbana e em seu potencial mercado consumidor. A partir da ação destes capitais, e do conflito e/ou cooperação deles com capitais locais, há intensas transformações na produção e consumo dos espaços comerciais neste momento histórico. Desta concepção, se “[...] pressupõe entender o movimento de formas comerciais que se chocam com outras, não portadoras do mesmo dinamismo por pertencerem ao passado, a outro momento histórico”. (PINTAUDI, 2011, p. 169).

Assim, faz-se necessário observar as formas de organização da comercialização de bens e serviços que são representativas das últimas décadas e que constituem mudanças na estruturação da cidade. A princípio, as formas foram chamadas de grandes superfícies comerciais, já que suas áreas totais construídas superam os 4.500 m<sup>2</sup> e chegam até 109.000 m<sup>2</sup>.

Algumas das grandes superfícies comerciais estão situadas em áreas pericentrais, outras na periferia, principalmente nas proximidades das rodovias e principais eixos viários da cidade, seguindo lógicas locacionais que anunciam e colaboram com os processos de reestruturação socioespacial. O setor comercial da cidade de Caruaru apresenta três tipos expressivos e que têm características que os diferenciam: (1) as grandes superfícies comerciais, (2) o Centro e (3) a Feira. Assim, selecionou-se, como primeira aproximação, as formas comerciais dispostas em grandes empreendimentos como foco da análise, visto que elas são expressões materiais das intensas modificações no espaço urbano caruaruense nas últimas décadas.

São elas, o setor super e hipermercadista, com ênfase para os atacarejos, ou atacados de autosserviço, presentes em Caruaru. A saber, os atacarejos Atacadão (Carrefour), Assaí (Grupo Pão de Açúcar/Casino) e Makro (SHV Holdings); o hipermercado Hiper Bompreço (Walmart); a rede local/regional Bonanza Supermercados e os estabelecimentos atacadistas da Rua dos Guararapes, no Centro. Há, também, a presença de *shopping centers* instalados na cidade. São eles, Caruaru Shopping e Shopping Difusora. Por fim, merecem destaque os centros de compras de confecção, especializados na comercialização da produção local e regional de vestuário, estabelecidos no espaço urbano caruaruense. São eles, Polo Caruaru e Fábrica da Moda.

Ao tomar-se como dimensão empírica as formas espaciais comerciais, é preciso compreender o sentido das terminologias como elementos essenciais às perspectivas analíticas, posto que são realidades materiais e recursos teórico-metodológicos. Daí, Santos (1985, p. 50) preocupa-se em definir, “ainda que a definição possa tornar-se limitante”, quatro categorias fundamentais para análise espacial, são elas, forma, função, estrutura e processo.

É necessário, ainda, uma primeira aproximação para clarear a acepção usada aqui. Para o autor, “[...] forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado dos objetos, a um padrão” (SANTOS, 1985, p. 50). Tem-se, a partir disso, que uma forma tem uma materialidade, portanto, uma extensão. Pensando, então, em formas espaciais, considera-se que estas apresentam um aspecto fisionômico e uma extensão territorial. A isto, acrescenta Sposito (2004, p. 65), a “forma refere-se à aparência externa que um dado objeto tem”.

Entretanto, como enfatiza Santos (1985, p. 50), “tomada isoladamente [a forma, na análise], temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo”. Por isso, é fundamental articular as formas às outras categorias propostas pelo autor. Uma imediata associação possível é com a função de tal e qual forma. Ou seja, para que serve tal ou qual objeto geográfico. Assim, a forma é um “[...] objeto responsável pela execução de determinada função” (SANTOS, 1985, p. 51). E, por isso mesmo, guarda em si uma relação processual e estrutural com o espaço e a sociedade.

Na primeira circunstância e considerando-se o movimento do tempo, Santos (1985, p. 51) discorre que “as formas são governadas pelo presente, e conquanto se costume ignorar o seu passado, este continua a ser parte integrante das formas. Estas surgiram dotadas de certos contornos e finalidades-funções”. Isso ponderado, as formas espaciais são resultado de processos, assim como detém funções determinadas, por vezes redefinidas ao longo dos processos que as constroem e funcionalizam (CORRÊA, 2010).

Sobre isso, Corrêa (2016, p. 130) completa que “os processos espaciais se efetivam por meio de formas espaciais. No entanto, as relações entre processo e forma são complexas, não sendo possível conceber que estas relações sejam diretas e categoricamente determinadas”. Uma dessas complexidades está no fato de que formas e funções estão articuladas à estrutura.

Esta é a segunda circunstância, o fato de que as formas devem ser lidas como um conjunto que representa e serve às estruturas e às funções, e, como trata Santos (1985, p. 53), “uma relação estrutural refere-se às relações entre dois ou mais objetos para poderem existir como o que eles são”. Portanto, é necessário observar uma forma espacial, ou seja, um objeto geográfico ou conjunto de objetos espacialmente localizados, conforme sua relação com as funções que exercem, a estrutura a qual fazem parte e os processos aos quais estão submetidos. É, então, a partir deste ângulo de observação que a análise deste trabalho está desenvolvida.

Isto dito, as formas espaciais comerciais são expressões materiais, ou seja, objetos fixos que, dispostos na estrutura espacial da cidade, são responsáveis pela realização da atividade comercial. Assim, são formas que dizem respeito a “[...] uma fase intermediária entre a produção de bens ou serviços e a do seu consumo e utilização, tendo por função levar/disponibilizar as mercadorias até [os] consumidores” (SALGUEIRO, 1996, p. 1). Ressalte-se, porém, que elas devem ser tratadas não apenas como objetos geográficos comerciais organizados na e pela cidade, mas como um conjunto de objetos arquitetônicos ligados entre si por relações sociais (LAMAS, 2004) e que guardam com a cidade uma relação funcional, estrutural e processual (SANTOS, 1985). Desempenham, assim, um papel importante na forma urbana. Esta última, entendida enquanto conjunto de elementos como o plano urbano, a relação deste com o sítio urbano, a relação entre o que é e o que não é edificado, a densidade de ocupação e a identificação de áreas homogêneas e heterogêneas do ponto de vista da ocupação e, por fim, a fisionomia urbana (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012).

Assim, as formas, por serem produzidas histórica e socialmente, revelam as ações e contradições daqueles que constroem a cidade, ou seja, dos seus agentes sociais. É, do ponto de vista das formas comerciais, como expressões de um dos circuitos da produção, que se revelam

maneiras diferentes de concretização da produção da sociedade não apenas na forma concreta e material, mas também na apropriação dela ao longo do tempo (PINTAUDI, 2010, p. 185).

Concorda-se, portanto, com Santos (1985, p. 49), quando este afirma que “[...] sempre que a sociedade (a totalidade social) sofre uma mudança, as formas ou objetos geográficos (tanto os novos como os velhos) assumem novas funções; a totalidade da mutação cria uma nova organização espacial”. É o que se vê ao se tratar da “[...] reestruturação do comércio na década de 1990” (GOMES, 2017, p. 5-6) e da relação deste processo com “novas” e “velhas” formas comerciais em Caruaru, visto que nesta relação há um “[...] conflito competitivo entre o velho e o novo, entre a ordem herdada e a ordem projetada” (SOJA, 1993, p. 194).

Então, na relação velho-novo, há destaque às formas de organização da comercialização de bens e serviços, sobretudo as representativas do período atual, quer dizer, aquelas que possuem menos idade, em comparação com outras formas, como caracteriza Santos (1985), e que, por isso, constituem significativas mudanças nos meios de realização do consumo. Este aspecto é salientado por Sposito e Góes (2015) que consideram, neste contexto, os processos de desconcentração e centralização espaciais como marcas das estratégias das empresas.

Tem-se, então, que novos agentes sociais, vinculados à atividade terciária, assumem poder de influência e posição de destaque. São, portanto, agentes que antes não operavam nestas cidades e, nas últimas décadas, passaram a atuar. Como indicativo deste contexto, destaca-se:

As feiras, os mercados públicos, o comércio de rua são exemplos do que se considera ser o comércio “tradicional”. O seu negativo, isto é, o seu par contraditório, apresenta-se com outras características organizacionais, funcionais, locacionais e uma complexidade diferente no âmbito da gestão e das relações que estabelece com a cidade. Como frisa Ortigoza (2008, p. 5) caracterizados pelo livre-serviço, ‘os novos formatos, as novas técnicas de venda e as novas estratégias de gestão das empresas, associadas à revolução comercial, modernizam o setor e conseqüentemente todo o tecido comercial até então existente’ (PEREIRA, 2018, p. 27).

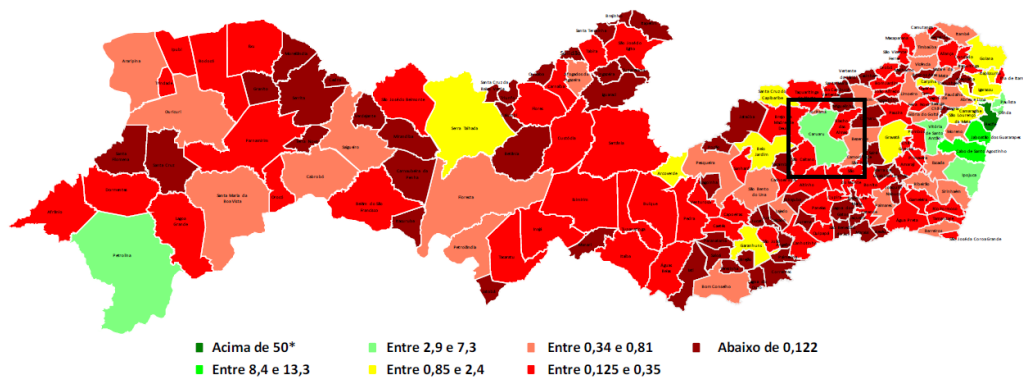
Para Caruaru, a diversidade de superfícies comerciais expressa tal movimento. Seus agentes, muitos externos à realidade da cidade, outros que competem ou cooperam com os interesses daqueles que “[...] materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço intraurbano (CORRÊA, 2011, p. 43-44).

## **TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS NA CIDADE DE CARUARU**

Caruaru tem significativo destaque econômico em Pernambuco. A importância se nota por um Produto Interno Bruto (PIB) de pouco mais de R\$ 5,3 bilhões, para 2013. Em 2014, o valor cresceu para R\$ 6,2 bilhões, conforme dados de dezembro de 2016, pela Agência Estadual

de Pesquisas e Planejamento do Estado de Pernambuco (CONDEPE/FIDEM)<sup>1</sup>. Tais valores correspondem a 3,8%, para 2013, e 4%, para 2014, no PIB estadual (Figura 1).

Figura 1 - Pernambuco. PIB municipal a preços de mercado em bilhões de reais. 2014.



Fonte: Sistema de contas regionais e municipais – Agência CONDEPE/FIDEM (2016).

Em termos de *ranking*, conforme os dados de 2014, Caruaru – destacado na figura 1 – enquadrou-se como o 5º maior PIB municipal de Pernambuco. Apresentaram um maior PIB, os municípios de: Recife (R\$ 50,7 bi), Jaboatão dos Guararapes (R\$ 13,2 bi), Cabo de Santo Agostinho (R\$ 8,5 bi) e Ipojuca (R\$ 7,2 bi), todos membros da Região Metropolitana do Recife.

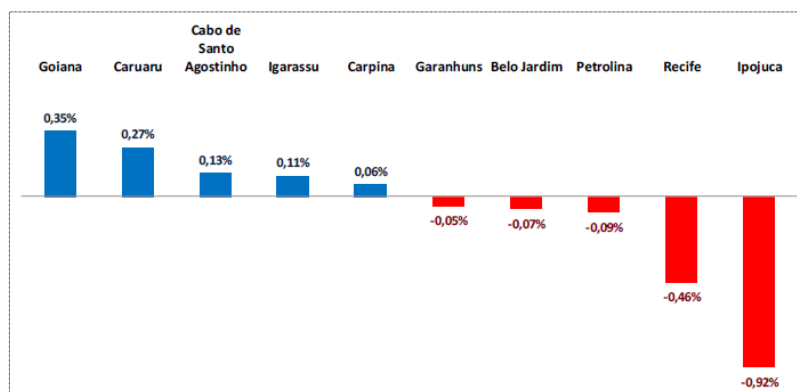
Logo, Caruaru deteve o maior PIB municipal do estado, desconsiderando os municípios que fazem parte da Região Metropolitana do Recife (RMR), polarizada pela capital. Completam os 10 primeiros PIBs do *ranking*: Olinda (R\$ 5,3 bi), Petrolina (R\$ 5,2 bi), Paulista (R\$ 4,1 bi), Vitória de Santo Antão (R\$ 2,9 bi) e Igarassu (R\$ 2,3 bi). Não integrantes da RMR, apenas Petrolina, oeste do estado, e Vitória de Santo Antão, vizinho à RMR, no sentido oeste.

A CONDEPE/FIDEM analisou, ainda, as principais mudanças na participação dos municípios no PIB estadual, que em 2013 era de R\$ 141,2 bilhões e em 2014 cresceu para R\$ 155,1 bilhões. Em tal cenário, Caruaru esteve entre os cinco maiores crescimentos (Gráfico 1).

<sup>1</sup> Uma apresentação de slides com as informações, em PPT e PDF, foi disponibilizada para download. Informações disponíveis em: <<http://www.condepefidem.pe.gov.br/web/condepe-fidem/municipal>>. Acesso em: 05 jan. 2017.



Gráfico 1 - Pernambuco. Mudanças na participação do PIB estadual. 2013-2014.



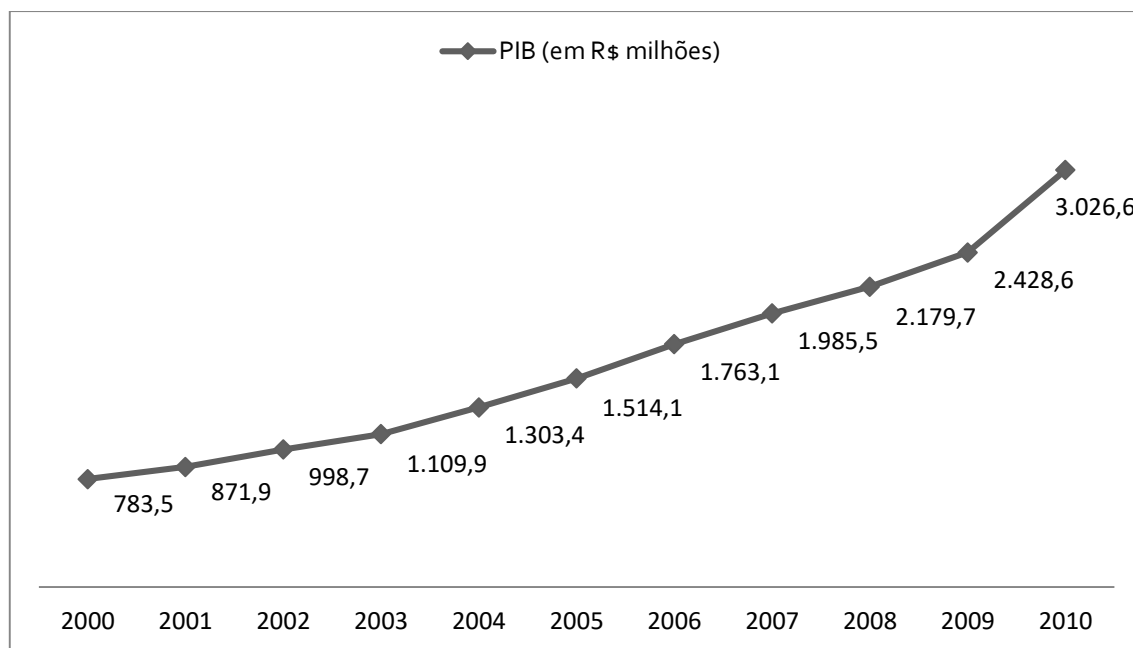
Fonte: Sistema de contas regionais e municipais – Agência CONDEPE/FIDEM (2016).

O acréscimo, de quase 0,3% na participação do PIB estadual, computado para Caruaru, colocou-o como o segundo município com maior crescimento no período. Em reais, esta porcentagem equivaleu a pouco mais de R\$ 0,9 bilhões. Ou seja, de 2013 para 2014, no intervalo de um ano, o PIB de Caruaru cresceu mais de R\$ 900 milhões.

A Agência CONDEPE/FIDEM destacou que a principal influência nesse aumento foi o incremento no setor terciário, especialmente no comércio varejista. Caruaru, inclusive, ainda segundo os dados de 2014, destacou-se por ser um dos 17 municípios pernambucanos, de um total de 185, que não têm administração pública (APU) como principal atividade econômica.

Os dados do PIB de 2013 e 2014, inclusive, esclarecem não apenas o crescimento por meio de uma diferença entre os dois anos, mas repetem um padrão de anos anteriores. Em valores brutos, o PIB de Caruaru saiu de um valor aproximado de R\$ 783 milhões, em 2000, para pouco mais de R\$ 3 bilhões, em 2010 (CONDEPE/FIDEM, 2011) (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Caruaru. Evolução do PIB em milhões de reais. 2000 – 2010.



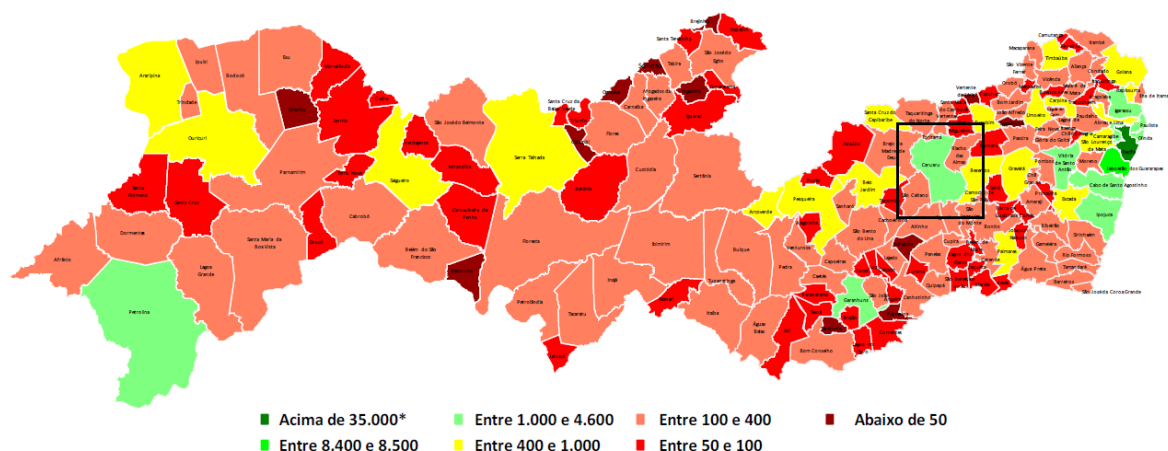
Fonte: CONDEPE/FIDEM (2011). Organização: Anthony Almeida (2018).

A economia caruaruense (gráfico 2) apresentou ativa taxa anual de crescimento. Em percentuais, a participação no PIB estadual saiu de 2,9%, em 2000, para 3,2%, em 2010. Entre 2010 e 2013, intervalo da divulgação dos resultados pela CONDEPE/FIDEM, o crescimento mostrado foi de quase R\$ 2,3 bilhões.

O crescimento econômico, com ênfase no setor terciário, também foi salientando pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco (Fecomércio PE). Segundo a instituição, “[...] investimentos públicos e privados realizados no período recente favoreceram a dinâmica da economia municipal e tiveram rebatimentos sobre o comércio e a atividade imobiliária” (FECOMÉRCIO PE, 2013, p. 2).

O setor terciário da economia é, de fato, o mais significativo para o município de Caruaru, que tem, inclusive, relevante destaque estadual. Segundo os dados de 2014, analisando-se o valor adicionado bruto (VAB), que mede o valor bruto da produção da economia entre os seus respectivos setores, Caruaru detém o 3º maior VAB estadual no setor de comércio e serviços (CONDEPE/FIDEM, 2016) (Figura 2).

Figura 2 - Pernambuco. VAB municipal do setor terciário em milhões de reais. 2014.

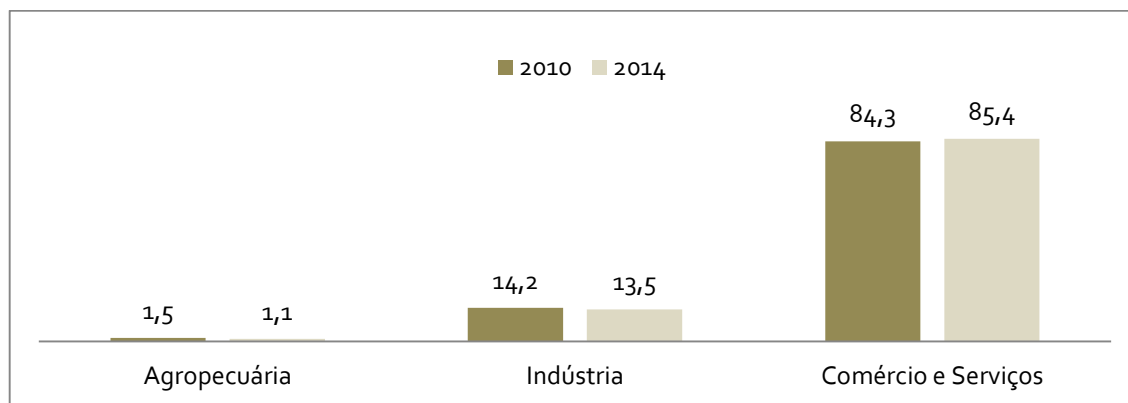


Fonte: Sistema de contas regionais e municipais – Agência CONDEPE/FIDEM (2016).

Conforme dados de 2014, Caruaru deteve um VAB no setor terciário de R\$ 4.567.989. Em termos percentuais, são 4,4% da participação no setor, no estado de Pernambuco. Apresentaram maior VAB no setor terciário, os municípios de: Recife, com R\$ 35.456.654 e 34,1% de participação estadual, e Jaboatão dos Guararapes, com R\$ 8.499.169 e 8,2% de participação estadual, ambos componentes da RMR. Completaram os cinco maiores VABs estaduais, no setor terciário, Cabo de Santo Agostinho, com 4.051.147 e 3,9% de participação estadual, e Olinda, com 3.950.698 e 3,8% de participação estadual, ambos membros da RMR. Caruaru, assim, foi o único município localizado fora da RMR presente neste recorte estatístico.

Na escala municipal, comparando-se VABs dos três setores, visualizou-se a importância do comércio e dos serviços para Caruaru. Os dados da agropecuária e da indústria, somados, representam menos de 15% do VAB caruaruense (CONDEPE/FIDEM, 2017) (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Caruaru. Composição setorial do VAB em %. 2010 e 2014.

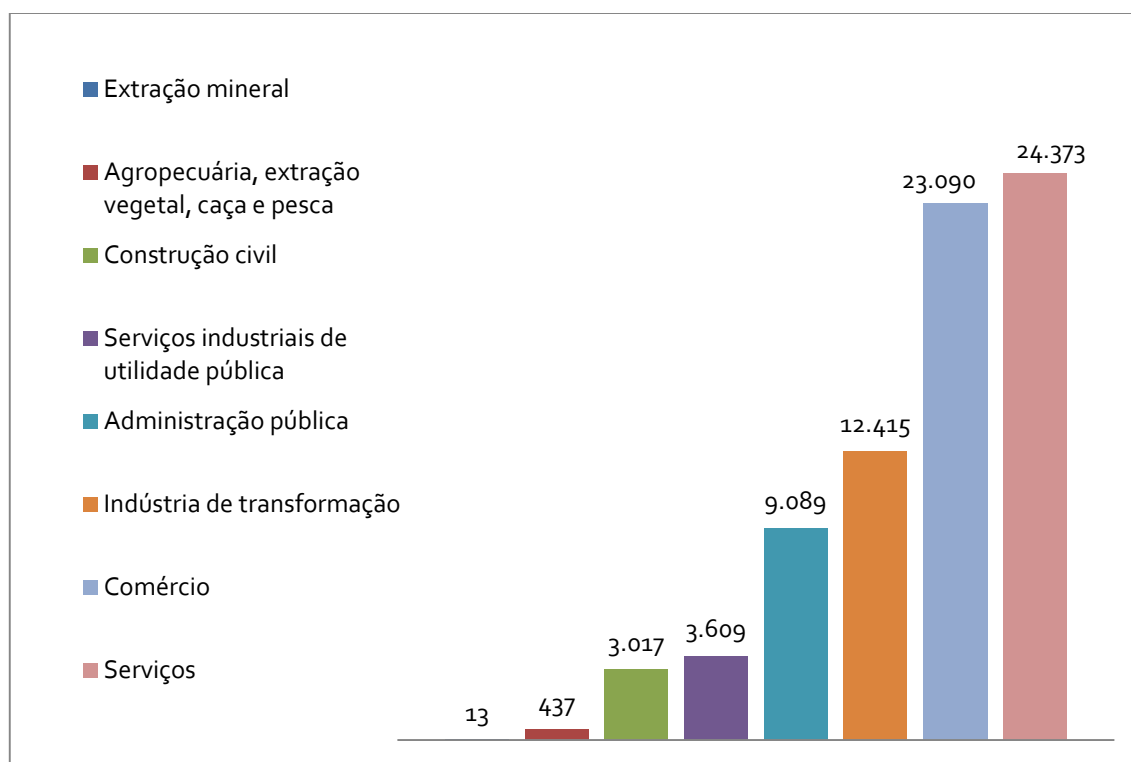


Fonte: Perfil Municipal de Caruaru – CONDEPE/FIDEM (2017). Organização: Anthony Almeida (2018).

Além de responder por mais de 85% da composição do VAB municipal, segundo dados de 2014, o setor terciário seguiu em crescimento. Comparados números de 2010 e 2014, há acréscimos de mais de 1% da participação do setor na composição da riqueza produzida.

Os números da população empregada no mercado formal, em 2015, também demonstram a importância do setor terciário da economia de Caruaru. Entre os 73.046 indivíduos empregados com carteira assinada, muitos estão no terciário (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Caruaru. Empregados no mercado formal por atividades econômicas. 2015.

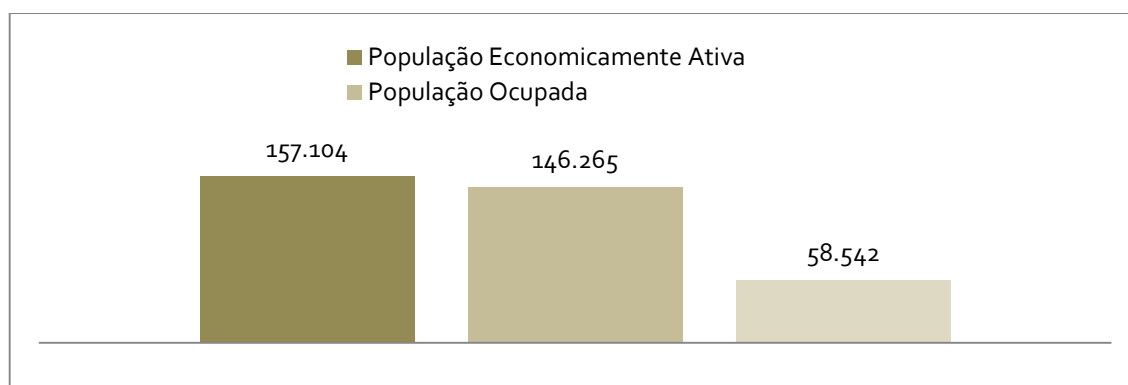


Fonte: Perfil Municipal de Caruaru – CONDEPE/FIDEM (2017). Organização: Anthony Almeida (2018).

Somados os números dos empregados no comércio, serviços e administração pública há um contingente de 56.552 pessoas trabalhando no setor terciário. Este valor representa um total de 77,4% da população ocupada com carteira assinada.

Porém, os 58.542 empregados do mercado formal estão longe de representar o total da população economicamente ativa (PEA) de Caruaru. A quantidade de população ocupada (POC), também é bastante superior a este indicador (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Caruaru. Mercado de trabalho. 2010.



Fonte: Perfil Municipal – CONDEPE/FIDEM (2017) e BDE/PE (2017). Organização: Anthony Almeida (2018).

Para o ano de 2010, ano de última atualização da PEA e da POC, conforme as informações do Banco de Dados do Estado de Pernambuco (BDE) (2017), a PEA, de 157.104 pessoas, correspondeu a 49,9% da população total do município. Desse grupo, 146.265 indivíduos fazem parte do mercado de trabalho caruaruense, ou seja, a POC. Este número equivale a uma taxa de desocupação de 6,9%. Mas, comparando-se estas informações aos dados dos empregados no mercado formal, de 58.542 pessoas, revelou-se significativa taxa de informalidade no mercado de trabalho. Pelas informações de 2010, pouco mais de 40% da POC tem carteira assinada. A informalidade, portanto, afeta quase 60% da população trabalhadora.

Apesar disso, o número de empregados no setor formal tem crescido nas duas últimas décadas. Os indicadores de 2010 e 2015, já apresentados, demonstram tal crescimento. Adiante seguem dados que correspondem a uma série histórica que vai de 1997 a 2015 (Tabela 1). Tais informações, infelizmente, não são suficientes para afirmar o decréscimo ou o acréscimo do número de trabalhadores na informalidade.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Durante os trabalhos de campo (2015 e 2016) tomaram-se depoimentos de trabalhadores informais. Comerciantes ambulantes, compunham, em sua maioria, tal contingente. Lira (2011) também demonstra muitos trabalhadores atuando na informalidade, sobretudo no ramo de vestuário.

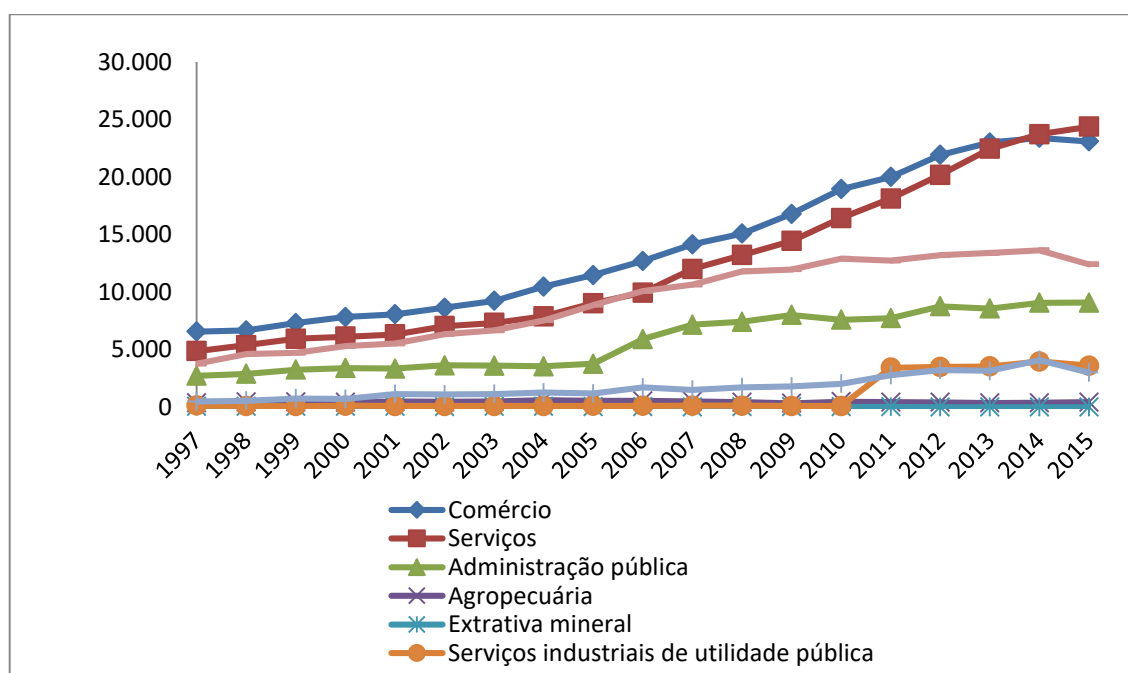
Tabela 1 - Caruaru. Empregados no mercado formal por setores de atividades. 1997 – 2015.

Ano	Setores de atividades								
	Total	Agropecuária	Extrativa mineral	Indústria de transformação	Construção civil	Serviços industriais de utilidade pública	Comércio	Serviços	Administração pública
1997	<b>19.091</b>	390	66	3.770	498	150	6.577	4.875	2.735
2000	<b>20.934</b>	427	62	5.303	721	127	7.832	6.122	3.400
2010	<b>58.542</b>	482	35	12.899	2.044	108	18.942	16.425	7.607
2015	<b>76.043</b>	437	13	12.415	3.017	3.609	23.090	24.373	9.089

Fonte: BDE (2017) com base no Ministério do Trabalho e Emprego. Organização: Anthony Almeida (2018).

Ao longo da série histórica, o mercado formal caruaruense cresceu consideravelmente. De um total de 19.091 empregados, em 1997, o contingente ampliou-se para 76.043 assalariados. Houve aumento, portanto, de 56.952 pessoas, que em percentuais equivaleu ao crescimento de quase 300%. Este aumento, porém, não é homogêneo entre todos os setores. Alguns estagnaram, com poucas variações para mais, é o caso da agropecuária, ou para menos, situação da extração mineral, na quantidade de postos de trabalho. Outros, contudo, aumentaram vertiginosamente, com altas taxas de crescimento (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Caruaru. Empregados no mercado formal por atividades econômicas. 1997-2015.



Fonte: BDE (2017) com base no Ministério do Trabalho e Emprego. Organização: Anthony Almeida (2018).

O gráfico 6 mostra que a indústria de transformação e a administração pública abriram postos de trabalho em padrão constante até o início da década de 2000, com a indústria sempre apresentando números maiores de empregados. A partir daí, as atividades industriais cresceram paulatinamente ao longo da década, diminuindo o ritmo nos anos 2010. A administração pública demonstrou grande salto entre os anos de 2005 e 2006, com crescimento relevante no restante da década de 2000 e movimento semelhante ao início da série, no decorrer dos anos 2010.

A construção civil, como mencionado pela Fecomércio PE (2013), também abriu muitos postos de trabalho no período. Em 1997, a quantidade de empregados no setor era de 498 pessoas. Já em 2015, este número praticamente sextuplicou, passando para um total de 3.017 indivíduos. Outro aspecto, revelado pelos dados, foi no setor de serviços industriais de utilidade pública. Entre os anos de 2010 e 2011, houve grande crescimento. De 1997 a 2010, o setor pouco modificou-se, em 2011, porém, mais de 3000 postos de trabalho foram criados. Daí em diante, até o ano de 2015, o movimento voltou a apresentar poucas mudanças.

O grande destaque dos dados desta série histórica, entretanto, é demonstrado nos setores de comércio e serviços, o que confirma os outros dados apresentados até o momento. Caruaru manteve sua função terciária ao longo das décadas e, entre 1997 e 2015, ampliou em quase 40.000 vagas o número de empregados com carteira assinada atuando em atividades terciárias, sem contar a administração pública. Ao reunir os dados da APU ao montante referido, este valor cresceu para aproximadamente 47.000 empregos.

## **COMPLEXIFICAÇÃO DA ESTRUTURAÇÃO URBANA E DA CIDADE MÉDIA DE CARUARU**

As mudanças no setor terciário estão relacionadas às transformações significativas na sociedade e no espaço da cidade de Caruaru. As modificações no espaço e na sociedade, por sua vez, também produziram tal processo de transformação da economia. No período, houve significativa transformação na paisagem da cidade. Vias foram criadas para atender demandas de empreendimentos e rodovias foram duplicadas para ampliar o fluxo entre Caruaru e outras cidades. Edifícios do setor terciário foram construídos, tanto aqueles pertencentes à iniciativa privada, quanto equipamentos públicos, como instituições de saúde e de educação, por exemplo.

Novas formas espaciais terciárias se estabeleceram na cidade e se relacionaram com outras pré-existentes. Algumas no centro, outras em eixos pericentrais, outras, ainda, em áreas periféricas da cidade, tanto em rodovias, quanto em bairros próximos a estas. Adiante há uma sistematização dos eventos que demonstram esse processo (Quadro 1).

Quadro 1 - Caruaru. Linha do tempo de eventos no espaço urbano. 1992 – 2016.

1992	Transferência da Feira de Caruaru do Centro para o Parque 18 de Maio, no Bairro Petrópolis; Inauguração do Autódromo Internacional Ayrton Senna no Bairro Nova Caruaru, às margens da BR-104;
1997	Inauguração do Shopping Caruaru, no Bairro Indianópolis; Inauguração do Hipermercado Hiper Bompreço, dentro do Shopping Caruaru;
2001	Inauguração da Faculdade do Vale do Ipojuca (Favip), ao lado do Shopping Caruaru; Inauguração do Centro de Compras de Confecção Parque das Feiras em Toritama; * Início das obras do Anel Viário Deputado José Antônio Liberato que interliga a BR-232 ao Centro passando pelo Indianópolis e pelo Shopping Caruaru;
2004	Inauguração do Centro de Compras de Confecção Polo Comercial de Caruaru, no Bairro Nova Caruaru, às margens da BR-104; Grupo Walmart compra o Bompreço; **
2005	Inauguração da Duplicação da BR-232 (Trecho Recife – Caruaru);
2006	Inauguração do Centro de Compras de Confecção Fábrica da Moda, ao lado da Feira; Inauguração do Atacarejo Atacadão, no Bairro Petrópolis, próximo à Feira; Inauguração do Centro de Compras de Confecção Moda Center Santa Cruz, em Santa Cruz do Capibaribe; * Inauguração do Campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Polo Comercial de Caruaru; Inauguração do Campus da Universidade de Pernambuco (UPE), dentro do Polo Comercial de Caruaru;
2007	Inauguração do Atacarejo Makro, no Bairro Nova Caruaru, ao lado do Polo Comercial de Caruaru; Grupo Carrefour compra o Atacadão; ** Grupo Pão de Açúcar compra o Assaí; ** A Feira de Caruaru é intitulada Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN; Instalação do Residencial Alphaville Caruaru ao lado do Polo Comercial de Caruaru, Nova Caruaru e Inauguração do Baco's Recepções, ao lado do Polo Comercial de Caruaru;
2008	Inauguração da Duplicação da BR-232 (Trecho Caruaru – São Caetano); Construtora Brapor inicia obras de edifícios residenciais no Bairro Indianópolis;
2009	Inauguração do Shopping Difusora no Bairro Maurício de Nassau; Início das obras de Duplicação da BR-104 (Trecho Caruaru – Taquaritinga do Norte); Inauguração do Habib's na Avenida Agamenon Magalhães, ao lado do Shopping Difusora;
2010	Inauguração do Atacarejo Assaí – Reforma do antigo CompreBem no Centro; Inauguração da UPA 24h na Avenida José Rodrigues de Jesus no Bairro Indianópolis; Inauguração do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), no Alto do Moura, ao lado do Distrito Industrial II;
2011	Saída do Campus da UFPE do Polo Comercial de Caruaru e Inauguração da Sede definitiva no Bairro Nova Caruaru, às margens da BR-104;
2013	Inauguração da UPA-E na Avenida José Rodrigues de Jesus, no Bairro Indianópolis;
2014	Inauguração do Hospital Mestre Vitalino no Bairro Nova Caruaru, às margens da BR-104; Inauguração da Faculdade Maurício de Nassau, às margens da BR-104; UniFavip é comprada pelo Grupo Devry (UniFavip/Devry); **
2015	Sancionada lei que autoriza transferência da Feira da Sulanca para o Bairro Nova Caruaru, na BR-104;
2016	Inauguração do Centro de Convenções Empresário Djalma Farias Cintra ao lado do Caruaru Shopping e Inauguração do Centro de Formação do Senac ao lado do Caruaru Shopping;

\* Eventos importantes na escala regional. \*\* Eventos importantes na escala internacional.

Fonte: Trabalhos de Campo (2015 e 2016). Organização: Anthony Almeida (2018).

Vários eventos, além dos elencados no quadro, ocorreram na cidade. Destacou-se, entretanto, principalmente aqueles que ajudam a explicar as transformações no setor terciário, visto que é bastante relevante para se compreender como Caruaru desempenha o papel de cidade média no Agreste Pernambucano e quais suas principais funções, que são majoritariamente a oferta de bens e serviços. Ressalte-se que a função comercial de Caruaru acompanhou sua evolução urbana e, aliada a outros fatores, possibilitou que a cidade desempenhasse papel de intermediação na rede urbana em escala regional (CARDOSO, 1965).



As principais áreas de concentração do terciário da cidade eram, até 1997, o Centro e a Feira, esta, no caso caruaruense, fixa e diária, ocorrendo, porém, feiras sazonais especializadas em alguns dias da semana. A Feira, contudo, até 1992, realizava-se no Centro, onde se concentrava a maior parte da atividade terciária de Caruaru. Assim, selecionou-se para análise as principais áreas de comércio e serviços na cidade, o que a direcionou: a) as recentes grandes superfícies comerciais, quais sejam, os supermercados, hipermercados e atacarejos, os *shopping centers* e os centros de compras de confecção; b) o Centro principal e c) a Feira de Caruaru.

Em 1992, o Centro de Caruaru enfrentou grandes mudanças. A Feira foi transferida para uma área pericentral, que passou a se chamar Parque 18 de Maio, a sul do Rio Ipojuca, limite entre os bairros Nossa Senhora das Dores (Centro) e Petrópolis, onde está até hoje. Este evento não expressou mudanças na estruturação centro-periférica da cidade, visto que a população e os consumidores da Feira vindos de outras áreas da região, ainda necessitavam se deslocar das suas moradias para o Centro e sua área pericentral, que passou a compor a expansão do Centro.

Ao longo dos anos 2000, as feiras das cidades agrestinas, especializadas na atividade de confecção, também se afastaram do Centro, sendo instaladas em grandes superfícies voltadas à venda desta mercadoria e situadas às margens das rodovias. A saber, Parque das Feiras (2001), em Toritama, e Moda Center Santa Cruz (2006), em Santa Cruz do Capibaribe, ambas totalmente transferidas. A atividade têxtil, inclusive, seja no setor secundário ou terciário da economia, apresenta dinâmicas de intensa transformação socioespacial nesta mesorregião do estado de Pernambuco (LIRA, 2011; OLIVEIRA, 2013) (Tabela 2).

Tabela 2 - Pernambuco. Unidades produtivas de confecções na Mesorregião do Agreste Pernambucano. 2013.

Municípios	Número de Unidades Produtivas	% do Total
Santa Cruz do Capibaribe	7 169	38,1%
<b>CARUARU</b>	4 530	24,1%
Toritama	2 818	15,0%
Brejo da Madre de Deus	1 396	7,4%
Taquaritinga do Norte	1 185	6,3%
Surubim	454	2,4%
Riacho das Almas	415	2,2%
Vertentes	401	2,1%
Agrestina	299	1,6%
Cupira	135	0,7%
<b>Total</b>	<b>18 803</b>	<b>100%</b>

Fonte: Adaptado de OLIVEIRA (2013) com base em SEBRAE (2013). Organização: Anthony Almeida (2018).

Note-se que o maior volume de unidades produtivas de confecções está exatamente em Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama. Juntos, os três municípios possuem mais de 77% das unidades produtivas da atividade de vestuário na mesorregião. As três cidades, por sua vez, engendraram a construção de grandes superfícies comerciais especializadas na venda de produtos de vestuário. Empreendimentos que modificaram o uso do solo das áreas centrais e da periferia destas cidades. São elas três, inclusive, as cidades mais importantes do que hoje é conhecido como Polo de Confecções do Agreste Pernambucano.

Trata-se, este, de um aglomerado de atividades produtivas, comerciais e de serviços, especializado em confecções e situado no Agreste de Pernambuco, região central do estado. Depois de uma longa trajetória, se afirmou como um dos maiores polos de confecções do país, ao mesmo tempo em que a atividade e o trabalho informais têm se mantido como uma marca decisiva de seu perfil. Isso, não obstante as mudanças mais recentes no seu padrão técnico e organizacional e em sua infraestrutura de suporte e logística (OLIVEIRA, 2013, p. 233).

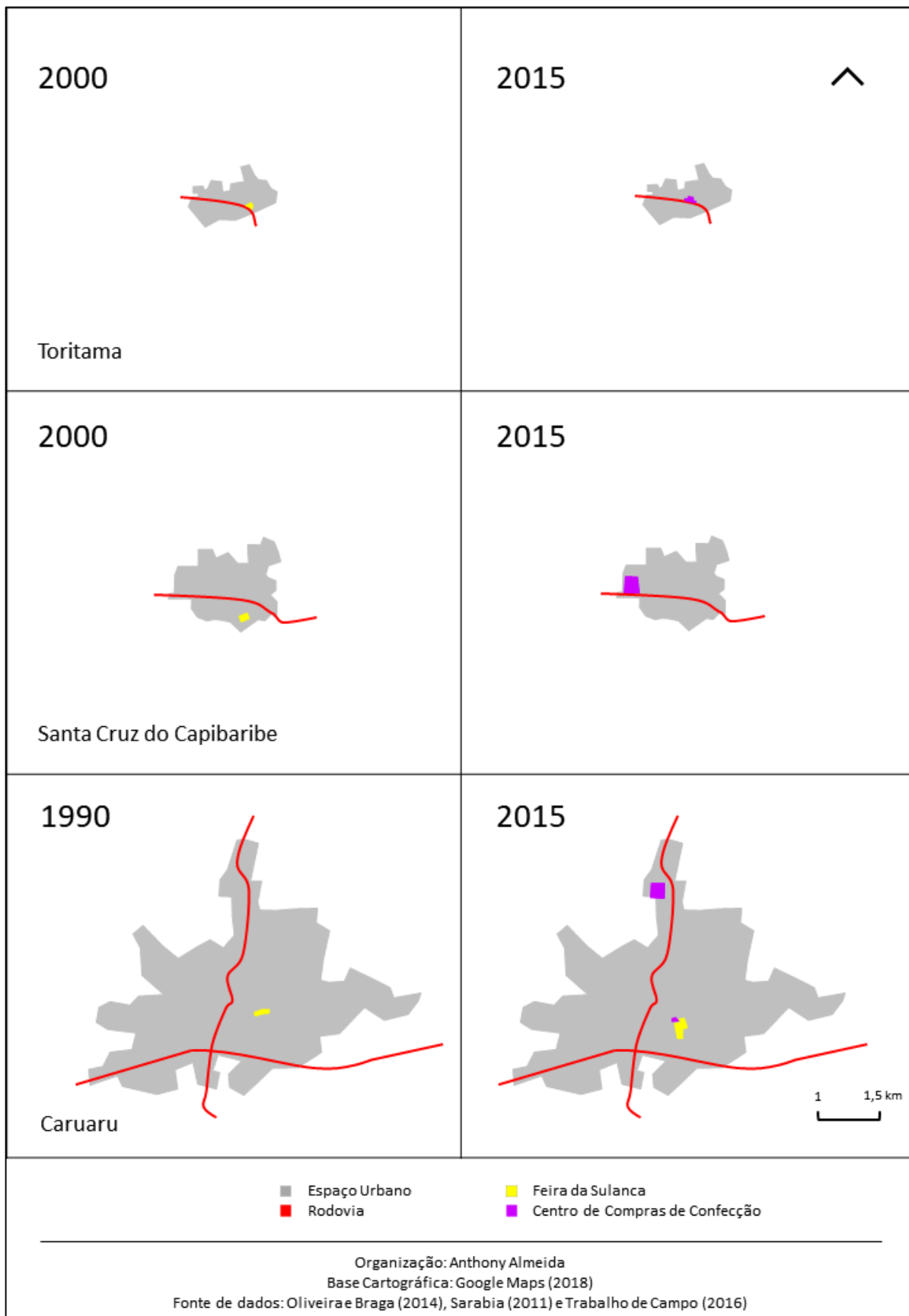
Em Caruaru, tal processo se deu de maneira mais complexa. Duas grandes superfícies comerciais especializadas foram construídas, o Polo Comercial de Caruaru – atualmente apenas Polo Caruaru – (2004), no setor norte da cidade, ao lado da rodovia BR-104, e a Fábrica da Moda (2006), contígua ao Centro, edificada num antigo estacionamento da Feira de Caruaru, às margens do Rio Ipojuca. Além destes, edifícios comerciais, ainda nos arredores da Feira, com boxes de lojistas, foram observados nos trabalhos de campo.

Mesmo com a construção dos dois empreendimentos, isto não indicou transferência e sim a ampliação do comércio têxtil, visto que a feira especializada em confecção, a Feira da Sulanca<sup>3</sup>, manteve-se no Parque 18 de Maio. Planeja-se, ainda, a transferência da feira de confecção para uma grande superfície, a Nova Feira da Sulanca de Caruaru, que será construída ao norte da cidade, perto da Rodovia BR-104, próximo do Polo Caruaru.

Este contexto socioespacial pode ser significativamente observado por meio da comparação destas formas espaciais comerciais, nas três cidades, em diferentes recortes temporais sincrônico e diacrônico. As mudanças na paisagem, no plano urbano e na densidade de edificação, com a construção destes empreendimentos, evidenciam as transformações na própria estruturação dos seus respectivos espaços urbanos (Figura 3).

<sup>3</sup> O termo *sulanca* é um neologismo da junção das palavras *sul* e *helanca*. Entre as décadas de 1940 e 1960, comerciantes de Santa Cruz do Capibaribe começaram a fabricar peças de vestuário usando um tecido chamado helanca, trazido do sudeste Lira (2011). Tal termo nomeia, ainda hoje, a confecção produzida na região.

Figura 3 - Pernambuco. Feira da Sulanca e Centros de Compras de Confeção. 1990-2015.



Elaboração: Anthony Almeida (2018).

Ressalte-se que os espaços urbanos e seus perímetros, mostrados na figura 3, são de base cartográfica de 2018. No caso de Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, quando os centros de compras de confecção Moda Center Santa Cruz e Polo Caruaru foram construídos, os lotes estavam em ambientes de franja periurbana, no caso de Caruaru, e rural, no caso de Santa Cruz do Capibaribe (SARABIA, 2011). A sua instalação foi relevante à expansão urbana para oeste, em Santa Cruz, e ao norte, em Caruaru, destaca Marco Sodré, Superintendente do Polo Caruaru:

Caruaru é a Capital do Polo de Confecção do Agreste. Pernambuco tem um arranjo produtivo de confecção muito forte aqui, talvez o arranjo produtivo mais pujante do estado e Caruaru é central, está localizado justamente na BR-104 que liga Caruaru, na saída, com Toritama e vai para Santa Cruz do Capibaribe e é o eixo central do Centro de Confecções. Depois que a gente chegou aqui, surgiu um loteamento na frente, ampliou o loteamento Luiz Gonzaga aí na frente, por causa da BR, apareceu recentemente um loteamento, o Colorado, também aqui perto, então a chegada do empreendimento aqui aumentou a quantidade de vendas de lotes. (Teve a chegada do Alphaville, né?) A chegada do Alphaville foi uma coisa casada né, o Alphaville fez contato com a gente, a gente tinha o terreno, aí fez a negociação e foi montado aqui na frente. (O Makro também?) O Makro chegou depois, também foi uma transação comercial que foi interessante para ambos os lados. (Há rumores de que a Feira venha para cá?) Se a Feira vier para cá, eu vejo como bons olhos porque vai atrair um fluxo aqui, também não é o perfil do público nosso, mas vai influenciar possivelmente a venda dos lojistas. (Marco Sodré, Superintendente do Polo Caruaru, 13 jun. 2016).

A partir da análise da figura 3, observa-se que cada uma das três cidades apresenta processos singulares de estruturação da cidade. Toritama, a menor delas, muda pouco, visto que tanto a antiga Feira da Sulanca, quanto o Parque das Feiras, estão às margens da Rodovia BR-104. As diferenças estão principalmente nos tipos de empreendimentos e na distância destes para o centro. Santa Cruz do Capibaribe, por sua vez, apresenta um processo de (re)estruturação mais amplo, com a “morte” da centralidade da Feira no centro tradicional e a “vida” de uma nova expressão de centralidade na área do Moda Center Santa Cruz, conforme Sarabia (2011).

Caruaru, contudo, engendra uma redefinição da estruturação da cidade mais ampla, com a manutenção de formas comerciais no Centro, a transferência e ampliação da Feira da Sulanca, ao longo dos anos 1990-2010, e a construção de grandes superfícies comerciais. A primeira delas, numa área periférica, a segunda, em área contígua ao Centro e à Feira da Sulanca. Têm-se, então, a ampliação da centralidade do conjunto Centro-Feira, e uma nova expressão de centralidade no eixo norte, que redefine a relação centro-periferia, na escala da cidade.

Ocorre, ainda, mudança importante na rede urbana em escala mesorregional, com o crescimento da atividade têxtil nos três municípios, que atraem consumidores de inúmeros municípios de Pernambuco. Além disso, segundo pesquisas internas da Fábrica da Moda e as enquetes realizadas no Polo Caruaru, há clientes de outros estados no Nordeste, o que configura aparente impacto na rede urbana em escala macrorregional.

Wallyson Alves, Gerente de Marketing da Fábrica da Moda, destacou o significativo número de pessoas do raio de influência do empreendimento e da cidade:

Com localização estratégica, a Fábrica da Moda fica em frente da Feira e do lado do Parque 18 de Maio, o maior complexo têxtil de Pernambuco, onde é âncora. Atingimos um público de aproximadamente 1,5 milhão de habitantes (Wallyson Alves, Gerente de Marketing da Fábrica da Moda, 09 jun. 2016).

Além dos dois centros de compras de confecção, outras grandes superfícies, neste caso no setor supermercadista, se destacam quanto ao papel no processo de reorganização da estrutura urbana e da cidade de Caruaru. Há a rede supermercadista Bonanza, de capital local, controlada pelo Grupo DFC, e as redes de capital internacional, concorrentes diretas que causaram impactos significativos à atuação do grupo em escala local e regional.

Ao todo, segundo informações prestadas pelo representante da empresa, ela chegou a possuir 30 unidades, somando-se lojas supermercadistas, atacarejos, atacados e distribuidoras, no auge do seu processo de expansão. Atualmente, porém, o grupo encolheu e detém 20 unidades. Hudton Bandeira, Gerente de Marketing do grupo, discorreu sobre os desafios da concorrência com os estabelecimentos de capital internacionalizado:

Os grandes, eles vêm com o poder de compra muito grande, o Assaí, o Makro, o Atacadão, como eles fazem uma compra mais final, eles conseguem angariar bons preços. Então, assim, a gente percebe que eles conseguem ser mais baratos do que a gente em muitos itens. Até pela proposta deles, que seria o atacarejo. (...) Então, os grandes são uma ameaça para a gente porque eles têm um preço, vêm com uma força muito grande, mas esse peso todo eles têm que dividir isso com centenas de lojas ao longo do Brasil, e isso faz com que a gente se fortaleça. (Hudton Bandeira, Gerente de Marketing do Grupo Bonanza, 15 jun. 2016).

Em Caruaru, o Grupo DFC possui, hoje, seis supermercados, um centro de distribuição, uma loja de atacado e duas distribuidoras, além do escritório central. É uma empresa muito mais ramificada pelo espaço urbano caruaruense, além de possuir ao seu favor o fato de ser bastante tradicional no município, conforme destacaram Hudton Bandeira, do Bonanza, e seu concorrente Robson Marques, do Atacadão. Observe-se:

Por esses [atacarejos] serem grandes demais, eles não conseguem dar enfoque no consumidor, então é aí que entramos, estamos muito próximos do nosso cliente, então atendemos a necessidade do cliente, procuramos entregar para eles aquilo que eles esperam (Hudton Bandeira, Gerente de Marketing do Grupo Bonanza, 15 jun. 2016).

No município temos concorrentes diretos no mesmo ramo, o Assaí, parte do Pão de Açúcar, e o Makro; a rede de hipermercados tradicionais, o BomPreço, parte do Walmart, e redes de bairro. Tem a rede Bonanza que é uma rede tradicional aqui, e outros de bairro menores. Então nós temos tanto a concorrência no mesmo formato, como outros formatos, mas que não deixam de concorrer com a gente como atacarejo atendendo tanto clientes consumidores finais, como comerciantes, fornecedores. (Robson Marques, Supervisor Administrativo do Atacadão em Caruaru, 04 jun. 2016).

Assaí, Atacadão, Makro e Walmart (Hiper Bompreço), grupos internacionalizados e que atuam em múltiplas escalas, construíram unidades em pontos estratégicos da malha urbana caruaruense. São empresas que apresentam lógicas, estratégias e ações diferenciadas entre si e que são, também, diferentes das efetuadas pelo grupo DFC e pelos comerciantes do Centro, sobretudo da Rua dos Guararapes, que, até os anos 1990, era a principal área da cidade voltada à comercialização, especialmente em atacado, de produtos alimentícios. Observe-se como a Gerente Administrativa da J. Borba e Cia. Ltda., Rosângela Borba, tradicional lojista da Rua dos Guararapes, relata as mudanças desde a década de 1990 até 2016, quando foi entrevistada:

(Você percebeu o fechamento de lojas na área dos Guararapes nos últimos anos? A que fator você atribui isto?) Muitas, muitas. Como eu te disse, 20 anos atrás nós procurávamos lugar aqui na rua para alugar e não tinha. Agora, na Rua dos Guararapes, de loja de estivas<sup>4</sup> só tem quatro ou cinco lojas abertas. (Você poderia explicar o que são lojas de estivas? Com o que trabalha?) Estivas vem do ramo alimentício, estivas de cereais, são cereais. Antigamente se falava estiva cereais, mas hoje pode se falar em atacado em geral, porque entra produto alimentício, limpeza, higiene, perfumaria. Todo aquele segmento que o minimercado trabalha. (A que fator você atribui este fato?) Pode ter sido isso também, os atacados grandes, a concorrência muito grande, acirrada. Eles focam em determinados produtos, mas com estoque alto. A gente mesmo, às vezes, chega a comprar [dos atacarejos], e quando eles acabam de vender a gente vende [aqui no nosso estabelecimento], mas na mesma semana eles [os atacarejos] continuam vendendo o mesmo produto. É também dificuldade para a gente. Outro fator é que, às vezes, as próprias fábricas são concorrentes da gente. (Através do representante comercial?) O representante vai atender um cliente que é nosso. Aí ficou muito difícil para o atacadista. Tem a concorrência da fábrica e dos grandes atacadistas. (Você poderia nos dizer, por observação, a porcentagem de lojas abertas e fechadas aqui na Rua dos Guararapes? Metade? 80%?) Uns 30% só. (30% funcionam e o restante está fechado?) Mudaram de ramo. Antigamente, toda a Rua da Guararapes era de estivas, agora a maioria é bomboniere<sup>5</sup>, como você pode ver, outra loja voltada para produtos agropecuários, que também não tinha... Hoje, acho que, de estivas, só tem uns 30% mesmo. Agora, elas são lojas grandes... (Que conseguem se manter?) Sim, por quantidade uns 30%, mas em qualificação são lojas grandes que suprem as necessidades do comerciante daqui da Rua dos Guararapes. (Rosângela Borba, Gerente Administrativa da J. Borba & Cia. Ltda., 14 jun. 2016).

O tradicional setor de estivas, o atacado alimentício e de higiene pessoal de Caruaru, explanou uma de suas longevas representantes, que atua no ramo desde 1987, junto com o pai e os irmãos, sofreu severos impactos com a chegada e a atuação dos agentes econômicos internacionalizados e do setor supermercadista. Esta é uma ruptura mais recente, entretanto, cabe ressaltar, que a Feira de Caruaru, que era realizada no Centro, até 1992, tinha, em dias de feiras maiores, como a de frutas e verduras, barracas armadas na Rua dos Guararapes.

<sup>4</sup> Conforme o dicionário, a palavra *estivas* designa um substantivo feminino usado no Brasil para denominar gêneros alimentícios. Disponível em: <<http://priberam.pt/DLPO/estivas>>. Acesso em 02 jul. 2016.

<sup>5</sup> Também conhecido como bombonieria, trata-se de “estabelecimento que vende bombons, balas e produtos análogos.” Disponível em: <<http://priberam.pt/DLPO/bombonieria>>. Acesso em 02 jul. 2016.

Para Borba, a saída da Feira foi benéfica para o seu negócio. Mas, seria necessário entrevistar outros lojistas para triangular tal informação, já que, o fluxo de pessoas na área era bem maior em dias de Feira. A realocação da Feira é o primeiro grande movimento, no recorte analítico da pesquisa, de redefinição da estruturação da cidade. Veja-se a fala da Gerente:

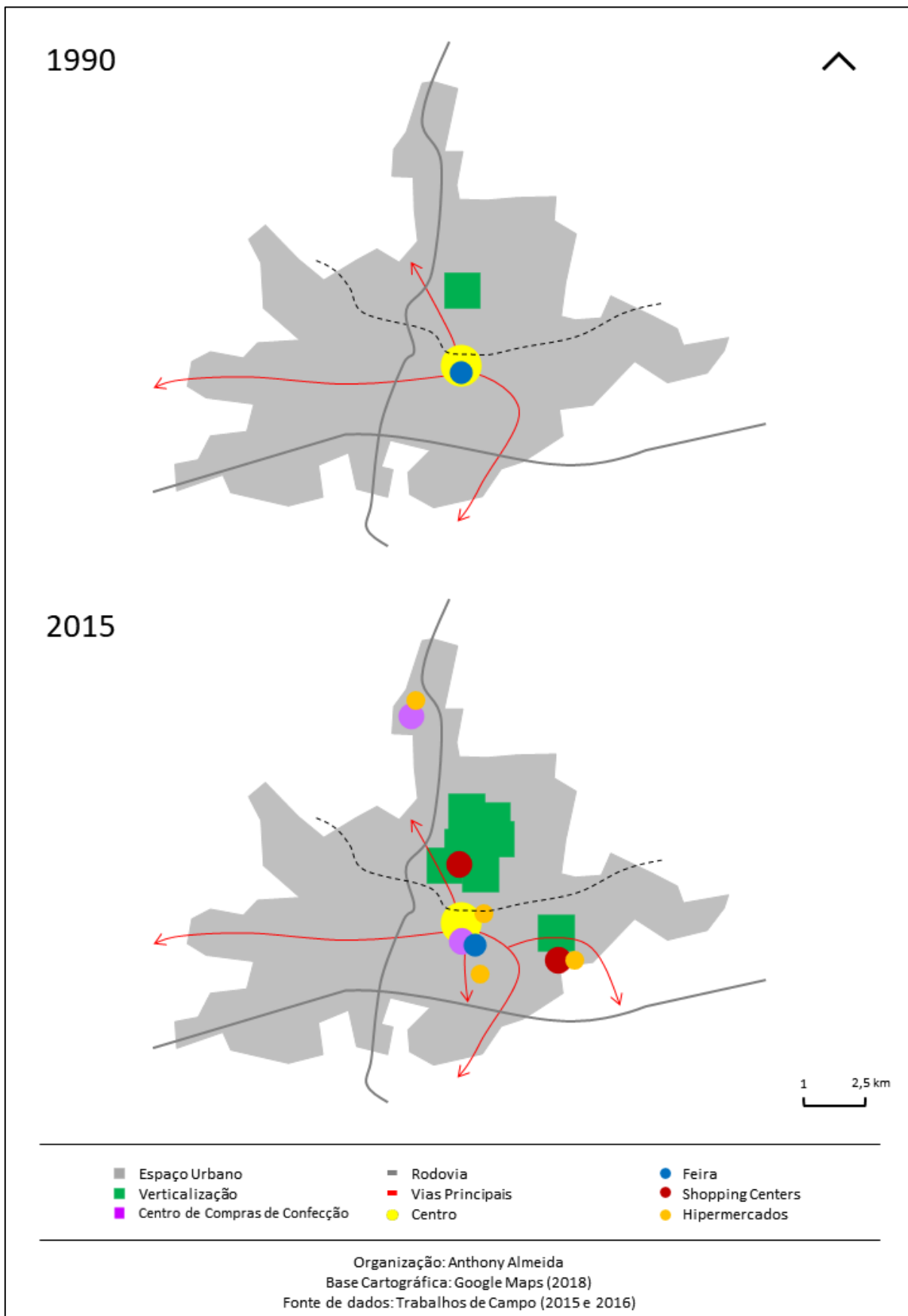
(Quais as mudanças mais significativas da rua/área nos últimos anos?) O trânsito congestionado. Dias de segunda e terça, a Feira da Sulanca, que é uma feira livre, feira de roupas [é realizada], e daí congestionava tudo, aí dificulta para a gente aqui que é atacadista. O trânsito fica totalmente parado, daí fica complicado para receber e entregar mercadorias, aí fica difícil. (Como a empresa atua desde 1987 e, até 1992, a Feira de Caruaru era realizada aqui no centro e foi transferida para o Parque 18 de maio...) A feira de verduras, né? Aí desafogou um pouco. E é o que está faltando acontecer com a Feira da Sulanca, no caso de roupas, né? (E essa mudança teve algum impacto aqui para a Rua dos Guararapes e para o comércio de vocês?) Ficou muito melhor... A Feira era aí, né? Ela acontecia aí, nessas imediações [apontando para a rua], aí realmente apertava muito... Tinha a falta de higiene também, a gente via o excesso de frutas estragadas ao ar livre, jogadas na rua. Daí tudo [referindo-se à transferência da Feira em 1992] possibilitou um melhor acesso de estacionamento aqui para a gente, aqui para essa área. Tudo aí era Feira antigamente, nas antigas [apontando novamente para a rua]. (Então foi um ponto positivo a Feira ter ido para o Parque 18 de Maio?) Com certeza. (Mas isso não fez com que vocês perdessem clientes e o movimento aqui na área?) Não, porque nosso público-alvo é o atacadista, que é diferente do público da Feira. (Rosângela Borba, Gerente Administrativa da J. Borba & Cia. Ltda., 14 jun. 2016).

Além das transformações do comércio no setor supermercadista e no setor têxtil, destaca-se, no período analisado, a construção de dois *shopping centers* no espaço urbano caruaruense. O Caruaru Shopping, instalado em 1997, numa área ainda não parcelada para o uso urbano, trouxe consigo a construção da Avenida Adjar da Silva Casé e, posteriormente, o Anel Viário Deputado José Liberato. Ademais, nas décadas de 2000 e 2010, o bairro Indianópolis, principalmente nas áreas próximas ao *shopping center*, foi modificado, com a construção de faculdade, residências e verticalização do bairro, até então ocupado por edificações de poucos pavimentos, conforme observação direta e depoimento dos entrevistados.

Já o Shopping Difusora, inaugurado em 2009, instalou-se na Avenida Agamenon Magalhães, principal eixo do bairro Maurício de Nassau. Este eixo é a principal ligação do Centro com a rodovia BR-104, que liga os municípios do Polo de Confecções do Agreste.

Assim, após a instalação do Shopping Difusora, construído no terreno da antiga Rádio Difusora, daí o nome, a Avenida Agamenon Magalhães aumentou sua importância comercial, já que nela instalaram-se bancos, edifícios empresariais e franquias alimentícias. O que há, no caso desta área, não é a instalação de um equipamento nas franjas periurbanas da cidade, como ocorre com o Polo Caruaru e o Caruaru Shopping, mas o reforço de uma área já elitizada que ganha centralidade como importante eixo urbano por concentrar atividades terciárias e, aliado a isto, amplia-se a verticalização no bairro (Figura 4).

Figura 4 - Caruaru. Esquema da estruturação da cidade. 1990-2015.



Elaboração: Anthony Almeida (2018).



Ao se comparar, diacronicamente, o espaço urbano caruaruense no intervalo de 1990 a 2015, observa-se um intenso incremento na presença de formas espaciais comerciais, com destaque para a produção de grandes superfícies comerciais. Além disso, observam-se mudanças nos eixos de estruturação, como as vias principais e as rodovias, na expansão urbana, nas áreas que expressam centralidade e no uso do solo. Há, dialeticamente articuladas a tais transformações, redefinições na morfologia urbana e na estruturação da cidade.

A análise da figura 4 permite observar que os eixos de estruturação apresentam mudanças e permanências relevantes. A ferrovia, importante nos séculos XIX e XX, e inativa desde a década de 1990, quando recebia apenas viagens festivas, no período junino, permanece como rugosidade espacial. A linha férrea, juntamente com o antigo caminho das boiadas, eixo paralelo à ferrovia e que hoje compreende importantes vias e ligações dos bairros ao Centro, no sentido leste-oeste, orientou o crescimento da cidade neste sentido.

Já nos anos 1990, duas vias, de conexão com as duas rodovias, possuíam importância na estruturação da cidade e na interligação entre o par Centro-Feira e as BRs. Em 2015, mais duas avenidas demonstram destaque. Uma delas, inclusive, totalmente nova, construída nesse período. Estas duas, aumentam os fluxos entre as grandes superfícies comerciais estabelecidas no sudeste da cidade com a rodovia BR-232, que interliga Caruaru à capital estadual.

Ainda quanto aos eixos rodoviários, destaque-se que foram duplicados no período do recorte de estudo. As duplicações alteram a estrutura da cidade de Caruaru e a estruturação interurbana, em escala mesorregional, de Caruaru e de seus fluxos primários com Bezerros, Gravatá, Pombos, Vitória de Santo Antão, Moreno, Jaboatão dos Guararapes e Recife, a leste; São Caetano, a oeste; Toritama, Taquaritinga do Norte e Santa Cruz do Capibaribe, ao norte.

Quanto ao uso do solo e a expansão urbana, ressalte-se, novamente, que a base cartográfica do mapa é de 2018 e o perímetro urbano desenhado mostra uma realidade espacial próxima do recorte de 2015. Em 1990, o perímetro era menor, as grandes superfícies comerciais engendraram essa expansão, conforme explanado pelo representante do Polo Comercial, no norte da cidade. Observe-se, também, o papel do Shopping Caruaru, na zona sudeste da cidade:

A gente percebe os empreendimentos de luxo que chegaram até o local. A faixa comerciária do Indianópolis se resume mais à residencial e o grande comércio, mesmo, implantado no Indianópolis é o shopping. Não tem concorrente. Nós temos uma avenida principal do Indianópolis do qual se tem comércio de locais e populares, porém a nível de entretenimento, cultura, lazer com varejo bem forte somente o shopping. (Há, também, a verticalização do bairro?) Nos últimos 3 anos, o Indianópolis recebeu 16 empreendimentos verticalizados, com cerca de 300 a 400 famílias se adequando por cada empreendimento, então isso dá uma noção do fluxograma que isso dá aqui. (Walace Carvalho, Gerente de Marketing do Caruaru Shopping, 14 jun. 2016).

Esse aumento de empreendimentos residenciais verticalizados na cidade é um dos destaques da redefinição da estruturação da cidade, a medida em que o primeiro núcleo de verticalização, no bairro Maurício de Nassau, se amplia, com participação, inclusive, das edificações ligadas ao Shopping e Empresarial Difusora, e um novo núcleo se instala, no bairro Indianópolis. Ocorre, assim, no segundo núcleo, uma significativa refuncionalização do uso do solo na região, antes dedicado ao uso rural e, atualmente, como um novo ambiente de uso residencial que, por sua vez, modifica os fluxos entre centro e periferia.

Para se fechar a análise do mapa anterior – o que ainda não esgotará a complexidade dos processos socioespaciais cartografados – os elementos visuais que mais chamam atenção são os que representam as diversas, novas e velhas, formas comerciais engendradas no espaço urbano caruaruense no período do recorte de análise. Observam-se mudanças no centro tradicional, no sudeste e no norte do espaço urbano. São diversas as superfícies comerciais presentes na cidade, tanto em tipologia, quanto em extensão territorial (Quadro 2).

Quadro 2 - Caruaru. Dimensões das grandes superfícies comerciais. 2016.

<b>Grande Superfície Comercial</b>	<b>Tipo</b>	<b>Área</b>
Caruaru Shopping	<i>Shopping Center</i>	109 000 m <sup>2</sup>
Polo Caruaru	Centro de Compras de Confeções	64 000 m <sup>2</sup>
Shopping Difusora	<i>Shopping Center</i>	50 000 m <sup>2</sup>
Fábrica da Moda	Centro de Compras de Confeções	16 000 m <sup>2</sup>
Atacadão	Atacarejo	6 000 m <sup>2</sup>
Makro	Atacarejo	4 750 m <sup>2</sup>
Assaí*	Atacarejo	2 700 m <sup>2</sup>

Fonte: Entrevistas com agentes bem-informados (2016) e \*Jornal Vanguarda (2010).

Elaboração: Anthony Almeida (2018).

O Centro tradicional, até 1992, concentrava as principais atividades comerciais da cidade, contando, inclusive, com a realização da Feira em suas principais ruas. No recorte de 2015, observa-se a permanência da velha centralidade desta área da cidade, porém com a ampliação de sua extensão, com a transferência da Feira para o Parque 18 de maio, antes conhecido como Campo de Monta, uma fazenda de gado. Este processo, que colocou a Feira numa área pericentral, expandiu o Centro tradicional, refuncionalizou aquela área e intensificou a relação centro-periferia.

Além das metamorfoses relacionadas à Feira, novas formas espaciais comerciais foram implementadas no espaço urbano caruaruense. Também neste contexto socioespacial, de

mudanças nas áreas pericentrais, construíram-se dois atacarejos, a saber, Assaí, a nordeste, e Atacadão, ao sul, e um centro de compras de confecção, a Fábrica da Moda, contígua à Feira e ao Centro. Tem-se, aí, a centralidade reforçada por novas formas espaciais, a refuncionalização dos usos dos solos do perímetro do Centro, e os processos de adoção de grandes superfícies comerciais para a efetuação do consumo, em detrimento aos lojistas tradicionais, como no caso da Rua do Guararapes, ou dos feirantes sulanqueiros.

Tais processos também são reveladores das novas estruturações corporativas, administrativas e, sobretudo, interurbanas. A presença e atuação de agentes de outras escalas geográficas no espaço urbano caruaruense estabelece uma relação não hierárquica na rede urbana, em que, através dos atacarejos, por exemplo, Caruaru passa a ter fluxos e conexões com metrópoles nacionais e cidades globais fora de sua rede urbana tradicional.

No eixo norte, três são as grandes superfícies comerciais instaladas no espaço urbano de Caruaru. Na Avenida Agamenon Magalhães, bairro Maurício de Nassau, instala-se o Shopping Difusora. Na rodovia BR-104, são construídos um centro de compras de confecção, o Polo Caruaru, e um atacarejo, o Makro. Somados, os empreendimentos representam mais de 118 000 m<sup>2</sup> de área construída dedicada ao setor terciário da economia.

A Avenida Agamenon Magalhães passa a ter um papel de importante eixo comercial e de serviços para a cidade, e não mais apenas uma conexão à BR-104 e ao bairro Maurício de Nassau, de residências verticalizadas. Este eixo também representa uma expansão da centralidade do Centro tradicional, que por meio da Avenida Rio Branco, conecta-se à Avenida Manuel de Freitas e à Agamenon Magalhães. Estas três vias formam e eixo que interliga o Centro à rodovia citada e passa por intensos processos de refuncionalização de suas edificações, com a instalação não apenas do *shopping center*, mas de empresas franqueadas de capital nacional e internacional, como Habib's e Subway, observados nos trabalhos de campo.

No extremo norte, o uso do solo, que promovia expansão urbana por uso residencial, neste recorte, altera-se para empreendimentos comerciais, residenciais fechados, serviços de educação e saúde. O plano urbano modifica-se, as áreas edificadas aumentam e este setor da cidade desenvolve expressões de centralidade urbana e regional.

O Shopping Caruaru e todos os processos engendrados no setor sudeste da cidade, devido a ação de seus agentes, para atender os seus interesses, e oriundos de sua presença, estão entre os mais intensos dentre os processos analisados na pesquisa do mestrado. Novas formas comerciais, residenciais e educacionais, novas funções urbanas e novos processos espaciais, comparados à década de 1990, são desenvolvidos nesta área periférica da cidade.

Esta conjuntura expressa, de forma significativa, mudanças na forma urbana e, também, na estruturação da cidade, conforme destaca Silva (2015), ao avaliar a presença dos *shopping centers* em cidades médias. São transformações socioespaciais que têm produzido redefinições da estruturação urbana e da cidade, a ponto de se observar, associado às conjunturas com as outras áreas de cidade, um processo de reestruturação urbana e da cidade de Caruaru.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a estruturação do espaço urbano empreende entender que ele não está organizado ao acaso. Isso dá atenção aos processos e agentes que o produzem ao longo tempo. Portanto, para analisar a estrutura do espaço urbano, ou seja, o modo como está disposto o mosaico de usos do solo da cidade e a maneira como estas partes interagem, é necessário evocar a ideia de movimento contínuo, múltiplo e contraditório.

Tal compreensão dá sustento à noção de estruturação (SPOSITO, 2004), e por meio dessa interpretação, também se dá a leitura da estrutura e da estruturação urbana (SOJA, 1993), atinente à escala interurbana. Vários agentes produtores do espaço urbano atuam no processo de estruturação espacial caruaruense, cada um com papéis e interesses individuais e/ou conjuntos. Assim, a estruturação da cidade de Caruaru dá-se, na atualidade, de forma complexa.

A leitura das conexões interurbanas estabelecidas por grandes superfícies comerciais e o impacto que causam na cidade ajudam a se ter uma visão conjuntural dos processos de redefinição da estruturação socioespacial. Tomando-se tal compreensão, a morfologia urbana, a partir de expressivas transformações no plano urbano, na relação entre o que é e o que não é edificado, na densidade de ocupação do solo e na própria fisionomia urbana, e a estruturação da cidade de Caruaru estão redefinidas, visto que se configuravam segundo padrão centro-periférico até os anos de 1990, e modificaram-se, tornando-se mais complexas a partir da década de 2000. São processos que indicam um padrão de reestruturação urbana e da cidade, mas que precisam ser ainda mais investigados, por meio da análise das lógicas, estratégias e ações dos agentes e das práticas espaciais das pessoas da e na cidade.

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento concedido para a pesquisa de mestrado, da qual este artigo é um desdobramento.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADUAL DE PESQUISAS E PLANEJAMENTO DO ESTADO DE PERNAMBUCO (CONDEPE/FIDEM). **Participação (%) do Produto Interno Bruto – PIB das Regiões de Desenvolvimento e dos municípios no PIB do estado de Pernambuco – 1999 – 2011**. Recife: CONDEPE/FIDEM, 2011.

AGÊNCIA ESTADUAL DE PESQUISAS E PLANEJAMENTO DO ESTADO DE PERNAMBUCO (CONDEPE/FIDEM). **PIB Municipal – 2014**. Recife, dez. 2016.

AGÊNCIA ESTADUAL DE PESQUISAS E PLANEJAMENTO DO ESTADO DE PERNAMBUCO (CONDEPE/FIDEM). **Perfil Municipal – Caruaru**. Recife, abr. 2017.

BANCO DE DADOS DO ESTADO DE PERNAMBUCO – BDE. **Caruaru – Mercado de Trabalho**. Disponível em: <<http://www.bde.pe.gov.br>>. Acesso em: 27 set. 2017.

CARDOSO, M. F. T. C. Caruaru: a cidade e sua área de influência. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, V. 27, n. 4, p. 537-614, out./dez. 1965.

CORRÊA, R. L. Inovações espaciais urbanas: algumas reflexões. **Cidades**, Chapecó, v. 7, n. 11, p. 151-162, jan./jun. 2010.

CORRÊA, R. L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. *In*: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41-52.

CORRÊA, R. L. Processos, formas e interações espaciais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 127-134, jul. 2016.

FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO DO ESTADO DE PERNAMBUCO (Fecomércio PE). **Sondagem de opinião**. Caruaru. Ano VIII, n. 35, 2013.

GOMES, V. B.. **As atividades das grandes empresas do ramo supermercadista e a rede urbana brasileira no período recente**. 2017. 465 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente.

JORNAL VANGUARDA. Rede Assaí desembarca em Caruaru. **Jornal Vanguarda**, Caruaru, 12 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.jornalvanguarda.com.br/noticias=5508>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbekian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2004.

LIRA, S. M. **Muito além das feiras da sulanca: a produção de confecção no Agreste/PE**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011.

MELO, M. L. **Os agrestes**. Recife: Série Estudos Regionais SUDENE, 1980.

OLIVEIRA, R. V. O polo de confecções do Agreste de Pernambuco: elementos para uma visão panorâmica. *In*: OLIVEIRA, R. V.; SANTANA, M. A. (org.). **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. p. 233-278.

OLIVEIRA, R. V.; BRAGA, B. M. Território comercial de Toritama: persistência e metamorfoses da informalidade. **Política & Trabalho**, Paraíba, n. 41, p. 193-225, 2014.

PEREIRA, C. S. S. **A nova condição urbana**: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP. 2018. 476 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente.

PINTAUDI, S. Mercados públicos: vestígios de um lugar. *In*: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. p. 167-176.

SALGUEIRO, T. B. **Do comércio à distribuição**: roteiro de uma mudança. Oeiras: Celta Editora, 1996.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SARABIA, M. L. **Vida e morte de centralidade**: impactos no uso, ocupação do solo e fluxos intraurbanos no centro tradicional decorrentes da implantação do Moda Center Santa Cruz na periferia de cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE. 2011. 210 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SPOSITO, M. E. B. **O Chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2005. 508 p. Tese (Livre Docência em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2005.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. Grandes grupos econômicos, consumo e redefinição da centralidade urbana, em cidades médias. *In*: BELLET, C.; MELAZZO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; LLOP, J. M. (orgs.). **Urbanización, producción y consumo en ciudades medias/intermedias**. Lleida: Universidad de Lleida, 2015. p. 107-132.

WHITACKER, A.; MIYAZAKI, V. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, Portugal, n. 2, p. 307-327, 2012.